

JAMIE McGUIRE

Bela
DISTRACÇÃO

Irmãos Maddox - Livro 1

Tradução

Cláudia Mello Belhassof

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2014



VERUS
EDITORA



As palavras dele pairavam na escuridão entre nossa voz. Às vezes eu encontrava consolo nesse vazio, mas, nos últimos três meses, tudo o que eu encontrava era perturbação. Esse espaço se tornou mais um lugar conveniente para se esconder. Não para mim, para ele. Meus dedos doíam, então permiti que relaxassem, sem me dar conta de que estava segurando o celular com força.

Minha colega de quarto, Raegan, estava sentada de pernas cruzadas na cama, perto da minha mala aberta. Minha expressão a fez pegar a minha mão. “T.J.?”, ela balbuciou.

Fiz que sim com a cabeça.

— Você pode dizer alguma coisa, por favor? — pediu T.J.

— O que você quer que eu diga? Estou de malas prontas. Tirei folga. O Hank já passou meus turnos para a Jorie.

— Eu me sinto um grande babaca. Eu queria não ter de ir, mas eu te avisei. Quando estou no meio de um projeto, posso ser chamado a qualquer momento. Se precisar de ajuda com o aluguel ou com alguma outra coisa...

— Eu não quero o seu dinheiro — falei, esfregando os olhos.

— Pensei que seria um fim de semana legal. Eu juro por Deus que pensei.

— Pensei que eu pegaria um avião amanhã de manhã. Em vez disso, você está me ligando pra dizer que eu não posso ir. De novo.

— Eu sei que parece uma atitude idiota. Juro que falei pra eles que tinha um compromisso importante. Mas, quando as coisas surgem, Cami... eu tenho que fazer o meu trabalho.

Sequei uma lágrima, mas me recusei a deixá-lo me ouvir chorando. Afastei o tremor da voz.

— Então você vem pra casa no Dia de Ação de Graças?

Ele suspirou.

— Eu queria. Mas não sei se vai dar. Depende de eu terminar o trabalho. Tô com saudade de você. Muita. Eu também não gosto dessa situação.

— A sua agenda vai melhorar um dia? — perguntei. Ele demorou mais do que devia para responder.

— E se eu te disser que provavelmente não?

Ergui as sobrancelhas. Eu esperava essa resposta, mas não que ele fosse tão... sincero.

— Desculpa — ele disse. Eu o imaginei encolhendo os ombros. — Acabei de chegar ao aeroporto. Preciso ir.

— Tá, beleza. A gente se fala mais tarde. — Obriguei minha voz a ficar estável. Não queria parecer chateada. Não queria que ele pensasse que eu era fraca ou sensível. Ele era forte e confiante e fazia o que tinha de ser feito sem reclamar. Eu tentava ser assim para ele. Reclamar de algo que ele não podia controlar não ajudaria em nada.

T.J. suspirou de novo.

— Sei que você não acredita em mim, mas eu te amo.

— Eu acredito em você — falei, e acreditava mesmo.

Toquei o botão vermelho na tela e deixei o celular cair na cama.

Raegan já estava no modo controle de danos.

— Ele foi chamado no trabalho?

Fiz que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Bom, talvez vocês devessem ser mais espontâneos. Talvez você possa simplesmente aparecer lá e, se ele for chamado, você espera por ele lá mesmo. Quando ele voltar, vocês recomeçam de onde pararam.

— Talvez.

Ela apertou minha mão.

— Ou talvez ele seja um babaca que devia parar de preferir o emprego em vez de você.

Balancei a cabeça.

— Ele batalhou muito pra conseguir esse cargo.

— Você nem sabe que cargo é.

— Eu te falei. Ele está usando o diploma. Ele se especializou em análise estatística e reconfiguração de dados, seja lá o que isso quer dizer.

Ela me lançou um olhar duvidoso.

— É, você também me falou pra manter isso em segredo. O que me faz pensar que ele não está sendo totalmente sincero com você.

Eu fiquei de pé e virei a mala, deixando tudo o que estava dentro dela cair sobre o edredom. Minha cama raramente estava arrumada, mas, nas poucas vezes em que eu esticava os lençóis para poder fazer as malas, o tecido azul-claro com tentáculos do polvo azul-marinho ficava à mostra. T.J. o odiava, mas eu me sentia abraçada enquanto dormia. O meu quarto era cheio de coisas estranhas e aleatórias, mas eu também era.

Raegan revirou a pilha de roupas e ergueu uma camiseta preta com os ombros e a parte da frente estrategicamente rasgados.

— Nós duas temos a noite livre. A gente devia sair. Fazer alguém nos servir uns drinques uma vez na vida.

Peguei a blusa das mãos dela e a inspecionei, enquanto pensava na sugestão.

— Você está certa. A gente devia mesmo. Vamos com o seu carro ou com o Smurf?

Raegan deu de ombros.

— O meu tá quase sem gasolina, e a gente só recebe amanhã.

— Parece que é a vez do Smurf, então.

Depois de uma sessão de colisões no banheiro, Raegan e eu entramos no meu jipe modificado azul-claro. Ele não estava em sua melhor forma, mas, em algum momento, alguém teve visão e amor suficientes para transformar o carro em um híbrido de jipe e caminhonete. O universitário mimado que abandonou a faculdade e que foi dono do Smurf entre aquele antigo proprietário e eu não o amava tanto. O enchimento dos bancos estava exposto nos lugares onde o couro preto havia rasgado, o carpete tinha furos de cigarro e manchas, e o capô precisou ser substituído, mas essa negligência me permitiu pagar por ele à vista, e ter um veículo sem precisar pagar prestações era a melhor coisa.

Coloquei o cinto de segurança e enfiei a chave na ignição.

— Devo rezar? — Raegan perguntou.

Virei a chave, e o Smurf emitiu um fraco zumbido. O motor soltou faíscas, depois ronronou, e nós duas aplaudimos. Meus pais criaram quatro filhos com salário de operário. Eu nunca pedi para eles me ajudarem a comprar um carro. Em vez disso, arrumei um emprego na sorveteria do bairro quando tinha quinze anos e economizei quinhentos e cinquenta e sete dólares e onze centavos. O Smurf não era o carro dos meus sonhos, mas quinhentos e cinquenta dólares compraram a minha independência, e isso não tinha preço.

Vinte minutos depois, Raegan e eu estávamos no lado oposto da cidade, desfilando pelo estacionamento coberto de cascalhos do Red Door, lenta e sincronizadamente, como se estivéssemos sendo filmadas enquanto andávamos ao som de uma trilha sonora agressiva.

Kody, com seus braços enormes, provavelmente do tamanho da minha cabeça, estava na entrada. Ele nos deu uma olhada conforme nos aproximávamos.

— Identidades.

— Vai se foder! — Raegan soltou. — A gente trabalha aqui. Você sabe a nossa idade.

Ele deu de ombros.

— Mesmo assim preciso ver a identidade de vocês.

Franzi o cenho para Raegan, e ela revirou os olhos, enfiando a mão no bolso traseiro.

— Se a essa altura você ainda não sabe quantos anos eu tenho, então temos problemas.

— Vai logo, Raegan. Para de encher meu saco e me mostra essa porcaria.

— A última vez que eu te deixei ver alguma coisa, você não me ligou por três dias.

Ele se encolheu.

— Você nunca vai superar isso, vai?

Ela jogou a identidade em Kody, que a segurou contra o peito. Ele deu uma olhada no documento e depois o devolveu, me encarando em expectativa. Passei minha carteira de motorista para ele.

— Você não ia viajar? — ele perguntou, olhando para baixo antes de me devolver o cartão plastificado.

— É uma longa história — respondi, guardando minha habilitação no bolso traseiro. Minha calça jeans era tão apertada que fiquei surpresa por conseguir enfiar algo ali atrás além da minha bunda.

Kody abriu a enorme porta vermelha, e Raegan sorriu com doçura.

— Obrigada, gato.

— Te amo. Seja boazinha.

— Eu sempre sou boazinha. — Ela deu uma piscadela.

— A gente se vê quando eu sair do trabalho?

— Ahã. — Ela me puxou porta adentro.

— Vocês são o casal mais esquisito do mundo — falei por sobre a música. O som estava zumbindo em meu peito, e eu estava quase certa de que cada batida fazia meus ossos tremerem.

— Ahã — Raegan disse mais uma vez.

A pista de dança já estava lotada de universitários bêbados e suados. O semestre de outono estava a todo vapor. Raegan foi até o bar e parou no fim do balcão. Jorie piscou para ela.

— Quer que eu arrume um lugar pra vocês? — ela perguntou.

Raegan balançou a cabeça.

— Você só tá oferecendo porque quer as minhas gorjetas da noite de ontem!

Jorie riu. Seu longo cabelo loiro platinado com mechas pretas caía em ondas soltas sobre os ombros. Ela usava um minivestido preto e coturnos e apertava os botões da caixa registradora para cobrar uma venda enquanto falava conosco. Todas nós aprendemos a ser multitarefas e a agir como se cada gorjeta fosse uma nota de cem dólares. Se fôssemos rápidas o suficiente, tínhamos chance de trabalhar no bar leste, e as gorjetas de lá pagavam um mês de contas em um único fim de semana.

Era ali que eu trabalhava havia um ano, exatamente três meses depois de ter sido contratada pelo Red Door. Raegan trabalhava bem ao meu lado, e juntas mantínhamos aquela máquina tão lubrificada quanto uma stripper numa piscina de plástico cheia de óleo de bebê. Jorie e a outra bartender, Blia, trabalhavam no bar sul, na entrada. Era basicamente um quiosque, e elas adoravam quando a Raegan ou eu viajávamos.

— E aí? O que vão beber? — Jorie perguntou.

Raegan olhou para mim e depois de volta para a Jorie.

— Uísque sour pras duas.

Fiz uma careta.

— Sem o sour, por favor.

Quando Jorie nos entregou nossos drinques, Raegan e eu encontramos uma mesa vazia e nos sentamos, chocadas com a nossa sorte. Os fins de semana eram sempre lotados, e uma mesa vazia às dez e meia não era comum.

Peguei um maço de cigarros fechado e bati o fundo da embalagem na palma da mão. Rasguei o plástico e tirei a tampa. Embora o Red estivesse tão esfumado que só de sentar ali eu me sentia como se estivesse fumando um maço inteiro, era legal simplesmente sentar a uma mesa e relaxar. Quando eu estava trabalhando, normalmente só tinha tempo de dar uma única tragada, e o resto acabava queimando sozinho.

Raegan me observava enquanto eu acendia um.

— Quero um.

— Não quer, não.

— Quero sim!

— Você não fuma há dois meses, Raegan. Amanhã você vai me culpar por estragar essa boa fase.

Ela fez um gesto na direção do ambiente.

— Estou fumando! Agora mesmo!

Estreitei os olhos para ela. Raegan era exoticamente linda, com longos cabelos castanho-escuros, pele bronzeada e olhos cor de mel. Seu nariz era perfeitamente pequeno, não era redondo nem pontudo demais, e a pele a fazia parecer recém-saída de um comercial da Neutrogena. Nós nos conhecemos no ensino fundamental, e eu fui instantaneamente atraída por sua sinceridade brutal. Raegan sabia ser incrivelmente assustadora, até mesmo para Kody, que, com seu um metro e noventa e três de altura, era mais de trinta centímetros mais alto que ela. Sua personalidade era encantadora para aqueles que ela amava e desagradável para aqueles que ela não amava.

Eu era o oposto de exótica. Meu cabelo castanho desganhado que chegava um pouco abaixo do queixo era fácil de cuidar, mas poucos ho-

mens o achavam sexy. Poucos homens me achavam sexy em geral. Eu era a garota comum, a melhor amiga do seu irmão. Por ter crescido com três irmãos e o nosso primo Colin, eu poderia ter sido uma moleca se as minhas sutis, porém existentes curvas não tivessem me expulsado do clube do bolinha aos catorze anos.

— Não seja desse tipo — falei. — Se quiser um, vai comprar.

Ela cruzou os braços, fazendo biquinho.

— Foi por isso que parei. É caro pra caralho.

Fiquei olhando para o papel e o tabaco queimando entre os meus dedos.

— Esse é um fato que a minha alma falida sempre percebe.

A música mudou de alguma coisa que todo mundo queria dançar para uma que ninguém queria, e dezenas de pessoas começaram a sair da pista de dança. Duas garotas se aproximaram da nossa mesa e trocaram olhares.

— Essa mesa é nossa — disse a loira.

Raegan mal tomou conhecimento das duas.

— Com licença, vadia, mas ela tá falando com você — disse a morena, colocando a cerveja sobre a mesa.

— Raegan — alertei.

Raegan me olhou com uma expressão vazia, depois para a garota em pé com a mesma expressão.

— *Era* a mesa de vocês. Agora é nossa.

— Nós chegamos primeiro — sibilou a loira.

— E agora não estão mais aqui — Raegan falou. Em seguida, pegou a garrafa de cerveja intrusa e a jogou no chão. A cerveja se espalhou pelo escuro e grosso carpete. — Pega.

A morena observou sua cerveja deslizar pelo chão, depois deu um passo em direção a Raegan, mas a amiga a agarrou pelos braços. Minha amiga deu uma risada sem emoção e voltou o olhar para a pista de dança. A morena por fim seguiu a amiga até o bar.

Dei um trago no cigarro.

— Achei que a gente ia se divertir hoje.

— Isso foi divertido, não foi?

Balancei a cabeça, reprimindo um sorriso. Raegan era uma boa amiga, mas eu não ia contrariá-la. Tendo crescido com tantos garotos em casa, eu tinha brigado o suficiente pela vida toda. Eles não me mimavam. Se eu não revidasse, eles simplesmente brigavam com mais violência até eu reagir. E eu sempre reagia.

Raegan não tinha desculpa. Ela simplesmente era uma vadia barraqueira.

— Ah, olha. A Megan tá aqui — disse ela, apontando para a beldade de olhos azuis e cabelos negros na pista de dança.

Balancei a cabeça. Ela estava lá com Travis Maddox, basicamente trepando na frente de todo mundo na pista de dança.

— Ah, esses irmãos Maddox — disse Raegan.

— É — comentei, engolindo o uísque. — Foi uma péssima ideia. Não tô em clima de balada hoje.

— Ah, para com isso. — Raegan deu um gole em seu uísque sour e se levantou. — As malas sem alça ainda estão de olho na mesa. Vou pegar mais uma rodada pra gente. Você sabe que a noite começa devagar.

Ela pegou meu copo e o dela e me deixou ali para ir ao bar.

Eu me virei e vi as garotas me encarando, claramente esperando que eu me afastasse da mesa. Eu não ia levantar. Raegan ia tentar recuperar nosso lugar se elas tentassem pegá-lo, e isso só ia gerar confusão.

Quando virei de volta, um cara estava sentado no lugar de Raegan. A princípio, achei que o Travis tinha sabe-se lá como se aproximado, mas, quando me dei conta do meu equívoco, sorri. Trenton Maddox estava inclinado na minha direção, com os braços tatuados cruzados, os cotovelos apoiados na mesa diante de mim. Ele esfregou a barba por fazer, e os músculos do ombro se destacaram sob a camiseta. Ele tinha tanto pelo no rosto quanto na cabeça, exceto pela ausência de pelo em uma pequena cicatriz perto da têmpora esquerda.

— Acho que te conheço.

Ergui uma sobrancelha.

— Sério? Você vem até aqui, senta e é isso a melhor coisa que consegue dizer?

Ele fez uma cena, percorrendo cada parte do meu corpo com os olhos.

— Você não tem tatuagens, até onde posso ver. Acho que não nos conhecemos no estúdio.

— Estúdio?

— O estúdio de tatuagens onde eu trabalho.

— Você tá fazendo tatuagens agora?

Ele sorriu, e uma covinha profunda apareceu no meio da bochecha esquerda.

— Eu sabia que a gente se conhecia.

— A gente não se conhece. — Virei para olhar as mulheres na pista de dança, rindo, sorrindo e observando Travis e Megan praticamente trepando, em pé e a seco. Mas, no instante em que a música acabou, ele saiu e foi direto até a loira que disse ser a dona da minha mesa. Apesar de ela ter visto Travis passando a mão na pele suada de Megan dois segundos antes, estava sorrindo como uma idiota, esperando ser a próxima.

Trenton deu risada.

— Aquele é o meu irmão mais novo.

— Eu não admitiria uma coisa dessas — falei, balançando a cabeça.

— Nós estudamos juntos? — ele perguntou.

— Não lembro.

— Você se lembra de ter frequentado a Eakins em algum momento entre o jardim de infância e o terceiro ano?

— Lembro.

A covinha esquerda de Trenton se aprofundou quando ele sorriu.

— Então a gente se conhece.

— Não necessariamente.

Ele riu de novo.

— Quer uma bebida?

— Tem uma a caminho.

— Quer dançar?

— Não.

Um grupo de garotas passou por perto, e os olhos de Trenton se concentraram em uma delas.

— Aquela é a Shannon, da turma de economia doméstica? Caramba — disse ele, dando um giro de cento e oitenta graus na cadeira.

— É sim. Você devia ir até lá lembrar.

Ele balançou a cabeça.

— Nós lembramos no ensino médio.

— Eu lembro. Tenho quase certeza que ela ainda te odeia.

Trenton balançou a cabeça, sorriu e, antes de dar mais um gole em sua bebida, disse:

— Elas sempre me odeiam.

— É uma cidade pequena. Você não devia ter queimado todas as fichas. Ele abaixou o queixo, aumentando um pontinho seu famoso charme.

— Tem algumas que eu não incendiei. Ainda.

Revirei os olhos, e ele deu uma risadinha.

Raegan voltou, com os dedos envolvendo quatro copos de uísque e duas doses.

— Meus uísques sours, seus puros e um buttery nipple pra cada.

— Por que você tá nessa de drinques doces hoje, Ray? — perguntei, torcendo o nariz.

Trenton pegou uma das doses e levou aos lábios, virando a cabeça para trás. Depois bateu o copo na mesa e piscou.

— Não se preocupa, gata. Eu cuido disso. — Ele se levantou e se afastou.

Eu não me dei conta de que estava com a boca aberta até meus olhos encontrarem os de Raegan e eu a fechar.

— Ele acabou de beber a sua dose? Isso aconteceu de verdade?

— Quem faz uma coisa dessas? — perguntei, virando para ver aonde ele tinha ido. Trenton já havia desaparecido na multidão.

— Um dos irmãos Maddox.

Dei um gole no uísque e outra tragada no cigarro. Todo mundo sabia que Trenton Maddox era encrenca, mas parece que isso nunca impediu as mulheres de tentarem domá-lo. Observando-o desde o ensino fundamental, prometi a mim mesma que nunca seria uma marca na cabeceira de sua cama — se é que os boatos eram verdadeiros e ele fazia marcações ali, mas eu não planejava descobrir.

— Você vai deixar ele escapar assim? — perguntou Raegan.

Soprei a fumaça pela lateral da boca, irritada. Eu não estava no clima de me divertir nem de lidar com um flerte agressivo, tampouco de recla-

mar que Trenton Maddox tinha acabado de tomar a dose de açúcar que eu não queria. Mas, antes que eu conseguisse responder, engasguei com o uísque que tinha acabado de colocar na boca.

— Ah, não.

— O que foi? — Raegan perguntou, virando na cadeira. Ela imediatamente se ajeitou no assento e se encolheu.

Meus três irmãos e o nosso primo Colin estavam vindo na direção da nossa mesa.

Colin, o mais velho e o único com identidade verdadeira, falou primeiro.

— Mas que merda é essa, Camille? Achei que você não estaria na cidade hoje.

— Mudança de planos — soltei.

Chase falou em seguida, como eu esperava. Ele era o mais velho dos meus irmãos e gostava de fingir que era mais velho que eu também.

— O papai não vai ficar nada contente por você ter perdido o almoço em família estando na cidade.

— Ele não pode ficar descontente se não souber — falei, estreitando os olhos.

Ele recuou.

— Por que você tá tão irritadinha? Tá de TPM ou algo assim?

— Sério? — disse Raegan, baixando o queixo e erguendo as sobrançelas. — Estamos em público. Vê se cresce.

— Ele cancelou os planos? — perguntou Clark. Diferentemente dos outros, ele parecia preocupado de verdade.

Antes que eu pudesse responder, o mais novo dos três falou:

— Espera, aquele merdinha inútil furou com você? — perguntou Coby. Os meninos só tinham onze meses de diferença na idade, ou seja, Coby tinha apenas dezoito anos. Meus colegas de trabalho sabiam que todos os meus irmãos tinham identidade falsa e achavam que me faziam um favor não se importando com isso, mas na maior parte do tempo eu esperava que eles se importassem. Coby em especial ainda agia como um garoto de doze anos, sem saber muito bem o que fazer com tanta testosterona. Ele estava se curvando atrás dos outros e deixando que o segurassem para não entrar em uma briga que não existia.

— O que você está fazendo, Coby? — perguntei. — Ele nem tá aqui!

— Pode apostar, não tá mesmo — disse Coby. Ele relaxou e estalou o pescoço. — Cancelar os planos com a minha irmã mais velha. Vou quebrar aquela cara de merda. — Pensei em Coby e T.J. brigando, e isso fez meu coração acelerar. T.J. era intimidador quando mais novo, e letal agora, adulto. Ninguém mexia com ele, e Coby sabia bem disso.

Um ruído de indignação saiu da minha garganta, e eu revirei os olhos.

— Vão... encontrar outra mesa.

Os quatro garotos puxaram cadeiras ao nosso redor. Colin tinha os cabelos castanho-claros, mas todos os meus irmãos eram ruivos. Colin e Chase tinham olhos azuis. Os de Clark e Coby eram verdes. Alguns homens ruivos não são tão bonitos assim, mas os meus irmãos eram altos, malhados e sociáveis. Clark era o único com sardas, e sabe-se lá como elas lhe caíam bem. Eu era a excluída, a única com cabelos castanho-acinzentados e grandes e redondos olhos azuis-claros. Mais de uma vez os garotos tentaram me convencer de que eu tinha sido adotada. Se eu não fosse a versão feminina do meu pai, talvez tivesse acreditado neles.

Apoiei a testa na mesa e gemi.

— Não dá pra acreditar, mas o dia de hoje acabou de piorar.

— Ah, para com isso, Camille. Você sabe que ama a gente — disse Clark, me cutucando com o ombro. Como eu não respondi, ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido: — Tem certeza que tá tudo bem?

Mantive a cabeça baixa, mas assenti. Clark deu alguns tapinhas nas minhas costas, e a mesa ficou em silêncio.

Levantei a cabeça. Todo mundo estava olhando além de mim, então eu me virei. Trenton Maddox estava ali de pé, com duas doses na mão e um copo de outra coisa que decididamente parecia menos doce.

— Essa mesa virou uma festa rapidinho — disse ele com um sorriso surpreso, mas encantador.

Chase estreitou os olhos para Trenton.

— É ele? — perguntou meu irmão, apontando com a cabeça.

— O quê? — Trenton perguntou.

O joelho do Coby começou a saltar, e ele se inclinou na cadeira.

— É ele. Esse cara deu a porra do bolo na minha irmã e aí apareceu aqui.

— Espera. Não, Coby — falei, levantando as mãos.

Coby ficou de pé.

— Você tá de sacanagem a nossa irmã?

— Irmã? — indagou Trenton, os olhos alternando entre mim e os ruivos voláteis sentados um de cada lado.

— Ah, meu Deus — falei, fechando os olhos. — Colin, diz pro Coby parar. Não é ele.

— Quem eu não sou? — Trenton perguntou. — Temos um problema aqui?

Travis surgiu ao lado do irmão. Ele tinha a mesma expressão surpresa de Trenton, os dois exibindo covinhas idênticas na bochecha esquerda. Eles podiam ser a segunda dupla de gêmeos da mãe. Apenas diferenças sutis os separavam, incluindo o fato de que Travis era uns três ou quatro centímetros mais alto que Trenton.

Travis cruzou os braços, fazendo seus grandes bíceps aumentarem de tamanho. A única coisa que me impediu de levantar da cadeira numa explosão foi que seus ombros relaxaram. Ele não estava prestes a brigar. Ainda.

— Boa noite — disse Travis.

Os irmãos Maddox podiam farejar confusão. Pelo menos era isso que parecia, porque, sempre que havia uma briga, eles a tinham começado ou terminado. Geralmente, as duas coisas.

— Coby, senta — ordenei entre dentes.

— Não, eu não vou sentar. Esse babaca insultou a minha irmã. Eu não vou sentar porra nenhuma.

Raegan se inclinou para Chase.

— São o Trenton e o Travis Maddox.

— Maddox? — Clark perguntou.

— É. Você ainda tem alguma coisa a dizer? — perguntou Travis.

Coby balançou a cabeça lentamente e sorriu.

— Posso falar a noite inteira, seu filho da...

Fiquei de pé.

— Coby! Coloca essa bunda na cadeira agora! — falei, apontando para o assento. Ele sentou. — Eu disse que não era ele, e é sério! Agora

todo mundo se *acalma, porra!* Tive um dia *péssimo*, tô aqui pra beber, relaxar e me divertir, *cacete!* Se isso for um problema pra vocês, se afastem da merda da minha mesa! — Fechei os olhos e gritei a última parte, parecendo totalmente maluca. As pessoas ao nosso redor estavam olhando.

Respirando pesadamente, olhei para Trenton, que me entregou um drinque.

Um canto de sua boca se curvou.

— Acho que vou ficar por aqui.